

A produção do polvilho na Comunidade Tatu: entre a modernização e a tradição

Vanessa Martins Reis¹, Rodrigo dos Santos Crepalde²

Resumo

A produção do polvilho é a principal fonte de renda dos moradores da Comunidade Tatu, localizada no município de Rio Pardo de Minas, região Norte do estado de Minas Gerais. O trabalho nas tendas de goma vem sendo passado de geração em geração, mas houve mudanças em decorrência da modernização da agricultura. O presente trabalho procurou discutir como a mecanização/modernização na produção do polvilho interfere nos laços de vidas tradicionais da Comunidade Tatu. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizou como fonte de informações falas de dois moradores da comunidade, obtidas por entrevistas semiestruturadas, assim como informações das vivências da autora-pesquisadora principal. Nota-se com a chegada da modernização, acompanhada da mecanização, o enfraquecimento ou até mesmo a perda de alguns laços tradicionais como a troca de serviços. Ao mesmo tempo, o trabalho na produção de polvilho continua familiar e artesanal, há trocas de manivas e os agricultores compreendem que a comunidade se constrói a partir da ajuda do outro.

Palavras-chave

Produção do polvilho. Modernização. Comunidade. Laços de vida tradicionais. Educação do Campo.

¹ Graduada em Educação do Campo (Ciências da Natureza), pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Minas Gerais, Brasil. E-mail: vanessamartinsreis2017@gmail.com.

² Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil; professor adjunto da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Minas Gerais, Brasil; coordenador do Grupo de Pesquisa Integração de Saberes na Formação de Professores de Ciências para o Campo. E-mail: rodrigocrepalde@gmail.com.

The production of cassava starch in the Tatu Community: between modernization and tradition

Vanessa Martins Reis³, Rodrigo dos Santos Crepalde⁴

Abstract

The production of cassava starch is the main source of income for the residents of the Tatu Community, located in the municipality of Rio Pardo de Minas, in the northern region of the state of Minas Gerais, Brazil. The work in the gum tents has been passed on from generation to generation, but there have been changes due to the modernization of agriculture. The present work tried to discuss how mechanization / modernization in the production of starch interferes in the traditional life bonds of the Tatu community. It is a qualitative research that used as source of information the speeches of two residents of the community, obtained through semi-structured interviews, as well as information from the experiences of the main author-researcher. It is noted that with the arrival of modernization, accompanied by mechanization, the weakening or even the loss of some traditional bonds such as the exchange of services. At the same time, the work in the production of starch still is artisan/familiar, there are exchanges of seedlings and farmers understand that the community is built from the help of others.

Keywords

Production of cassava starch. Modernization. Community. traditional life bonds. Contryside education.

³ Graduated Rural Education (Natural Sciences), Federal University of Triângulo Mineiro, State of Minas Gerais, Brazil. E-mail: vanessamartinsreis2017@gmail.com.

⁴ PhD in Education, Federal University of Minas Gerais, State of Minas Gerais, Brazil; adjunct professor at the Federal University of Triângulo Mineiro, State of Minas Gerais, Brazil; coordinator of the Research Group Integration of Knowledge in the Formation of Science Teachers for the Field. E-mail: rodrigocrepalde@gmail.com.

Introdução

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de conclusão de curso da graduação em Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Tem como ênfase a compreensão do processo de modernização e mecanização na produção do polvilho e as interferências nos laços de vida tradicionais da Comunidade Tatu, localizada no município de Rio Pardo de Minas, na região do Norte do estado de Minas Gerais.

A produção do polvilho, goma ou fécula de mandioca é a principal fonte de renda dos moradores da Comunidade Tatu, ainda que os agricultores plantem milho, arroz, cana-de-açúcar, café e feijão, o que predomina é a produção do polvilho. Ele, além de ser comercializado, também é utilizado para fazer beiju, biscoitos, entre outros, sendo que os biscoitos estão sempre presentes no café da manhã e servidos em festas religiosas da comunidade.

Nos últimos anos, a mecanização da produção do polvilho foi se expandindo aos poucos e para muitos produtores essa *modernização* foi importante para o aumento da produtividade, mas grande parte da mão de obra já não é mais necessária. Esse processo tem consequências tanto sobre a possibilidade de permanência dos moradores na comunidade como interfere na geração de emprego e renda em seus territórios. Sendo assim, muitos comunitários são forçados a procurar trabalhos em regiões diversas como no estado de São Paulo, no Triângulo Mineiro e Sul de Minas, dentre outras.

Quanto ao modo em que eram/são desenvolvidas cada atividade da produção houve mudanças desde a escolha da maniva (muda), no plantio da mandioca, até a comercialização do polvilho, processos que, por sua vez, interferiram nas práticas comunitárias tais como a troca de serviços, o mutirão para ajudar o próximo, o trabalho em família, dentre outras. Assim, entendemos que essas mudanças afetaram e afetam os laços de vida tradicionais da comunidade.

Embora a maior parte dos agricultores da comunidade enxergue a *modernização* como melhoria na agricultura familiar, na visão de Teixeira (2005, p. 22).

A modernização da agricultura segue os moldes capitalistas e tende a beneficiar apenas determinados produtos e produtores tendendo a fortalecer a monocultura. Com a modernização ocorre

o que vários autores denominam de “industrialização da agricultura”, tornando-a uma atividade nitidamente empresarial, abrindo um mercado de consumo para as indústrias de máquinas e insumos modernos.

Pensar no trabalho de quem vive no campo, das suas lutas e das suas vivências, nos faz refletir sobre a necessidade de uma Educação do Campo e não para o campo. Um olhar que considere os saberes culturais, sociais, políticos, econômicos do campo. Assim, entendemos que a Educação do Campo pode contribuir na valorização e fortalecimento dos saberes tradicionais relacionados à produção do polvilho frente a esse processo de modernização ocorrido nos últimos anos na Comunidade Tatu.

A defesa de uma educação do campo tem como sustentação o reconhecimento de uma realidade de trabalhadores e trabalhadoras que têm resistido para continuar produzindo sua vida no espaço rural. E, especialmente, o reconhecimento de que essa realidade precisa ser alterada, tendo em vista a crescente pobreza, o desemprego, as grandes desigualdades sociais e as dificuldades de acesso às políticas públicas (saúde, educação, transporte, infraestrutura etc.). Portanto, pensar um projeto de educação do campo pressupõe a sua sustentabilidade em termos econômicos, sociais e culturais. (VENDRAMINI, 2007, p. 129).

Nesse contexto, a questão que orientou esta pesquisa foi: de que modo a mecanização/modernização na produção do polvilho interfere nos laços de vida tradicionais da Comunidade Tatu? Por enquanto, trataremos o processo de mecanização conjuntamente ao de modernização, tendo consciência que são processos diferentes, mas inter-relacionados. Optamos por construir essa diferenciação no decorrer da nossa exposição. Assim, para responder à questão de pesquisa enunciada anteriormente, recorreremos a informações produzidas a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com moradores da comunidade Tatu que produzem polvilho. Além disso, também utilizamos informações das próprias vivências da primeira autora desse trabalho, uma pessoa “de dentro” da comunidade, uma *insider*⁵.

⁵ Usamos a expressão *insider* inspirados pela reflexão antropológica que problematiza a relação *insider/outsider*, ou de outro modo, nativo/estrangeiro de um campo de estudo/observação de tipo etnográfico. No nosso caso, a primeira autora desse trabalho possui relações de pertencimento à comunidade estudada. Cabe ainda observar a novidade desse tipo de trabalho, uma vez que, agora, a moradora do campo, atualmente licenciada em Educação do Campo, reflete e analisa sobre sua

Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 20, n. 1, p. 176-200, jan.-abr. 2021. 179

A produção do polvilho na/da Comunidade Tatu

Nesta seção, situamos a comunidade no contexto do município e região em que está inserida, bem como discutimos a produção do polvilho (fécula de mandioca), os tipos de maniva (mudas) mais comuns utilizadas pelos agricultores e o modo como geralmente o polvilho é comercializado na Comunidade Tatu. Em especial, as passagens do texto relativas à produção de polvilho em Tatu têm como referência as experiências da primeira autora desse trabalho, uma *insider*, da comunidade/do polvilho da comunidade, que desde criança convive e participa dessa produção.

O município de Rio Pardo de Minas fica localizado na região do Norte do estado de Minas Gerais, na microrregião de Salinas. Atualmente, possui população estimada em 30.779 pessoas, 50,7% da população possui rendimento mensal per capita de até 1/2 salário mínimo, segundo dados do Censo de 2010 (IBGE, 2020). Por sua vez, a Comunidade Tatu é uma das cerca de 90 comunidades do campo desse município, localizada a 20 km de sua sede, composta por aproximadamente 50 famílias. Na época dos primeiros moradores, havia formigueiros por toda a parte, que acabavam por atrair muitos tatus para a comunidade, assim ficou o nome Tatu.

Alguns moradores mantêm suas residências na comunidade, mas periodicamente migram temporariamente para outras regiões como: São Paulo, Sul e Triângulo de Minas, entre outras, em busca de trabalho. Geralmente ficam de cinco a oito meses trabalhando fora e o restante dos meses, na comunidade.

A principal fonte de renda da comunidade é a produção do polvilho, embora os agricultores também plantem milho, feijão, cana-de-açúcar, café, hortaliças, entre outros, para consumo próprio. A produção do polvilho está presente na comunidade desde os seus primeiros moradores. Além de ser comercializado, o polvilho está presente na casa dos agricultores para o preparo de pão de queijo, biscoitos de diferentes receitas, beiju, dentre demais guloseimas.

Na Comunidade Tatu é comum serem construídas tendas de polvilho, locais nos quais são produzidos o polvilho e a farinha de mandioca, próximas das

realidade. Esse processo é resultado da luta dos povos do campo pelo direito à Educação em todos os níveis e em toda a sua amplitude: é um direito ser/tonar-se professor e pesquisador no/do campo.

residências dos seus moradores. Hoje em dia, das 50 famílias da comunidade, apenas 14 não possuem tendas de polvilho, seja porque os comunitários já são aposentados, utilizam as dos vizinhos ou trabalham em outras regiões.

O polvilho é proveniente da mandioca, sendo ela um alimento muito consumido no Brasil, quanto à sua origem, é difícil chegar a uma conclusão definitiva, no entanto é mais provável que seja uma planta sul-americana cultivada pelos primeiros povos do continente (MATTOS; FARIA; FERREIRA FILHO, 2006).

A mandioca encontra condições favoráveis para seu desenvolvimento em climas mais quentes e não exige tanto investimento no cuidado do solo e com a necessidade de água, se comparada a outros cultivos. Assim, em toda região Norte do estado de Minas Gerais, o cultivo da mandioca continua bem atual e é base do trabalho no campo de grande parte dos agricultores familiares. De acordo com Mattos, Farias e Ferreira Filho (2006), segundo dados da FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação), o Brasil está entre os maiores produtores de mandioca, responsável por 13,07% da produção mundial, ficando atrás somente da Nigéria com 18,73%.

Embora a variedade de manivas seja grande, na Comunidade Tatu os tipos para o plantio mais comuns são a landim, a barrinha, a C12, a cacau e a serrana, sendo divididas em dois tipos de mandioca: a mansa e a brava. As mansas, também conhecidas como mandioca de mesa, são utilizadas para fazer bolos, caldos, biscoitos, pudim, sorvete, sopa, entre outros. A mandioca brava é utilizada para produção do polvilho e da farinha. O motivo pela opção dessas manivas por parte dos agricultores deve-se ao seu melhor desenvolvimento no solo da comunidade, ou seja, foram plantando e observando quais manivas respondiam mais satisfatoriamente às necessidades das famílias que passaram a selecioná-las e plantá-las.

O trabalho para obter o polvilho passa por algumas etapas. Primeiramente, o preparo do solo (gradear a terra e adubar, se necessário), após essa etapa, já é momento do plantio, e para o ponto da colheita é preciso esperar o ciclo da mandioca que é aproximadamente de um a dois anos. De acordo com o tipo de solo, pode-se saber com antecedência se será fácil ou difícil a colheita, conta a sabedoria dos moradores de Tatu. Uma das formas de saber se o solo é propício refere-se a

sua coloração e quantidade de matéria orgânica presente, quanto mais escuro estiver o solo, maior é a quantidade de matéria orgânica presente. Outra forma diz respeito à quantidade de água: em um local que alague muito, no tempo chuvoso a mandioca *puba*, isto é, apodrece ou em alguns casos nem nasce, enquanto em outro local muito seco e pobre de matéria orgânica, a colheita não é significativa e o agricultor pode até plantar, mas não atingirá uma colheita satisfatória. Nesse último caso, é preciso a utilização de adubos para fornecer os nutrientes necessários ao desenvolvimento da planta. As manivas que os agricultores utilizam para o plantio são guardadas de um ano para o outro e, para não perder a qualidade, são juntadas em feixes amarrados com cipó ou então juntadas em torno de alguma árvore.

Quando chega à tenda de roda⁶, local no qual é fabricada a farinha e o polvilho, é momento de descascar as mandiocas. Alguns utilizam o descascador, outros ainda a forma convencional de raspagem com a faca. No descascador é bem mais rápido: uma pessoa apenas consegue manusear, mas no modo convencional, as pessoas interagem mais entre si. Depois de raspadas (descascadas), é momento de as mandiocas serem lavadas para serem trituradas no motor conhecido como motor de ralar mandioca.

Após a trituração, a massa que é obtida é adicionada na medida de aproximadamente dois baldes no tanque com água para ser dissolvida. Nesse processo será separada a massa do líquido com a utilização de um pano de malha fina. Ao mesmo tempo, é deixado em outro tanque apenas o líquido leitoso que contém o amido. É necessário esperar de um a dois dias para a decantação do amido no fundo do tanque.

Depois disso, o líquido é liberado e são retirados os torrões da goma. Em outro recipiente com água raspa-se a camada de cima para não ficar nenhuma impureza. Já tendo ocorrido a etapa conhecida como coagem, os torrões da goma são passados no motor para serem triturados. Após concluir essa etapa, o polvilho é triturado e levado para os girais ou terreiros feitos de cimento para a secagem. O tempo de secagem varia de acordo com a temperatura, em dias de sol muito quente a secagem é mais rápida, depende também da espessura que é distribuída para

⁶ Tenda de roda, (nome usado antigamente para se referir a casa usada para a produção de polvilho e farinha, é composta por motor elétrico, prensa de madeira, forno, caixas, cochos etc.).

exposição e a forma do manejo durante o processo. Em tempo nublado ou com previsão de chuva não é possível a secagem.

Figura 1 – Etapas da fabricação do polvilho na Comunidade Tatu



Fonte: Arquivo dos autores (2020).

Obs.: Em sentido horário, iniciando do canto esquerdo superior: plantação da mandioca lagoinha; ralador de mandioca; separação da massa e do líquido “leitoso; retirada dos torrões da goma; secagem do polvilho.

Após a secagem, o polvilho já pode ser embalado para a venda e geralmente é comercializado na própria comunidade. O preço da venda varia. Agricultores já venderam o saco de polvilho de 50 Kg por até R\$ 250,00, mas atualmente o preço é menor, não chegando a R\$ 130,00. Há períodos em que as vendas ficam bem abaixo do esperado e o preço diminui, fazendo com que, mesmo assim, muitos agricultores vendam por um preço ruim porque dependem daquela renda para sobreviver.

Geralmente, os agricultores trabalham de segunda a sexta no processo de produção do polvilho, dividindo as tarefas por dia: na segunda, arrancam mandioca; terça e quarta descascam; quinta e sexta tiram a goma, sendo que na sexta, enquanto alguns ficam trabalhando na tenda de goma, outros vão ralando os torrões de goma para secar, fazendo o possível para terminar ainda na sexta-feira; quando chega o

final de semana, acontece o empacotamento do polvilho para ser comercializado, alguns preferem vender no final de semana a quantidade que conseguiram produzir, outros preferem guardar para vender em uma quantidade maior. Antes, os produtores vendiam o polvilho na feira da cidade de Rio Pardo de Minas, traziam os sacos de goma no ônibus que tinha para transportar as pessoas da comunidade até a feira, às vezes vendiam tudo, outras vezes tinham de levar de volta e esperar até a próxima feira. Hoje em dia, os compradores vão até a comunidade para comprar o polvilho.

Percursos metodológicos

Esse estudo foi de tipo qualitativo⁷, pois se esforçou por estudar o significado da vida das pessoas nas condições da vida real, representar as opiniões e perspectivas das pessoas, além de abranger as condições contextuais em que as pessoas vivem (YIN, 2016).

O objetivo desse trabalho foi o de compreender como a mecanização/modernização na produção do polvilho interfere nos laços de vida tradicionais da Comunidade Tatu, Rio Pardo de Minas. De modo especial, buscamos discutir os impactos/as consequências/as interferências das mudanças e permanências no trabalho, na cultura e vida dos moradores da comunidade em consequência da mecanização e/ou modernização da produção de polvilho.

Para melhor compreensão desse propósito, foram realizadas duas entrevistas semiestruturadas. A primeira delas com um morador mais velho da comunidade e a segunda com uma moradora mais jovem. Os dois entrevistados são moradores que sempre trabalharam com a produção do polvilho. As entrevistas foram acompanhadas de gravações de áudios e anotações, com permissões de cada entrevistado, os nomes dados aos participantes são fictícios.

A primeira autora desse trabalho, como pesquisadora e moradora da comunidade, uma pessoa de dentro, uma *insider*, desenvolveu entrevistas semiestruturadas a partir de uma relação de confiança e respeito que já possuía com os moradores. Além disso, suas vivências na comunidade, assim como no trabalho

⁷ Número do CAEE – Comitê de Ética em Pesquisa: 09380219.5.0000.5154.

com a produção do polvilho, favoreceram estudar o “significado” nas condições da vida real a partir da perspectiva dos outros, nativos, moradores da comunidade.

Como mencionado, tratamos o processo de mecanização conjuntamente ao de modernização, tendo consciência que são processos diferentes, mas inter-relacionados. Mas já antecipamos que a modernização é um processo mais amplo com implicações socioculturais profundas, sobretudo, negativas, para as comunidades do campo. Normalmente, a mecanização, como processo de substituição da mão de obra manual pela mecânica/automatizada, acompanha o processo de modernização, no entanto é possível verificarmos processos de mecanização que ainda preservam, às vezes como resistência, as principais características do trabalho artesanal e familiar.

A produção do polvilho: entre a modernização e a tradição

Nessa seção abordamos os conceitos de modernização da agricultura e problematizamos que a introdução de máquinas não significa perder o caráter artesanal da produção do polvilho; também apontamos algumas relações dos impactos e avanços da modernização no processo de produção e suas influências nos laços de vida tradicionais de seus comunitários; por fim, passamos à exposição e análise das informações obtidas pelas duas entrevistas semiestruturadas com moradores da Comunidade Tatu.

A modernização

Antes da inserção da mecanização, gastava-se mais tempo na produção do polvilho, dependendo da quantidade de mandioca, era mais de uma semana para concluir o processo, pois dependia de maior esforço braçal e maior quantidade de pessoas trabalhando. Segundo Dias (2016, p. 52),

Podemos perceber facilmente as transformações intensas que os agricultores vivenciaram nos últimos 15 anos. As ferramentas utilizadas na cadeia produtiva da mandioca fazem parte dos elementos que sofreram transformações, embora algumas sejam utilizadas desde que os agricultores mais velhos cultivam a mandioca até os dias atuais.

No modo de produtividade no qual os maquinários passaram por modernização, o trabalho é mais rápido, mas quando se fala em modernização, segundo Alentejano (2012), nas últimas décadas, a modernização da agricultura compreendeu transformações concebidas e planejadas como contraponto à efetivação da reforma agrária desde os anos de 1950-1960. Os que defendiam a modernização viam que poderiam desenvolver a capacidade da agricultura brasileira, sem distribuição de terra, contrário à posição dos defensores da reforma agrária, para estes, a democratização da terra era indispensável para o desenvolvimento e a diminuição das desigualdades sociais no campo brasileiro. Nesse contexto de luta, a modernização da agricultura acompanhada do movimento da difusão da Revolução Verde pelo mundo, segundo Esmeraldo (2012, p. 213),

funda-se no modelo de exploração em grande escala (monocultura), a se realizar em grandes extensões de terra, de forte exigência e dependência de insumos externos, com um padrão de produção voltado para a indústria e o meio urbano, contribuiu, sobremaneira, para a ampliação da migração campo-cidade, o desemprego rural e urbano, o uso intensivo dos recursos energéticos e hídricos e o empobrecimento da população rural.

No Norte de Minas, a partir da inserção da monocultura nas décadas de 1960 e 1970, especialmente à ligada aos empreendimentos de eucalipto, houve uma imposição para que variedades de plantações cultivadas antes não mais fossem cultivadas, um enfraquecimento da atividade extrativista e também um incentivo para que as pessoas não trabalhassem mais em suas terras e sim na de grandes empresários ou corporações. Essas mudanças foram justificadas pelo discurso da *modernização*, no entanto

quando se fala em modernizar o Cerrado, as populações da região tampouco são consideradas. Modernizar é, mais uma vez, sinônimo de colonizar o Cerrado, negando a existência desses povos, que se desenvolveram com a natureza, e não contra a natureza. Esses povos hoje têm um patrimônio de conhecimento que interessa à humanidade como um todo. Onde hoje estão as regiões mais ricas em diversidade biológica do planeta? São aquelas que não passaram pelo processo modernização. (PORTO-GONÇALVES, 2014, p. 167).

Na Comunidade Tatu também muitos entendem que somente quem aderir a equipamentos *modernos* pode conseguir algum benefício no futuro ao passo que o

que não aderirem, por opção ou por falta de condição financeira, ficam vistos como “atrasados”. É necessário refletir que, se de um lado os que conseguem aderir à modernização podem produzir mais, de outro, na forma tradicional, dependendo da quantidade de pessoas no processo de produção, o rendimento também é considerável.

Quando se fala da forma tradicional ou artesanal da produção do polvilho, logo se imagina que são aqueles produtores que insistem em utilizar os maquinários antigos ou um modo de trabalho que ficou perdido há muito tempo no passado. Mas na verdade, como diz Albornoz (2002), o trabalho artesanal é caracterizado como aquele que é mais autônomo quanto à organização, ao plano, ao começo, à forma, à técnica e ao tempo daquilo que é produzido. Ou seja, um trabalho não deixa de ser artesanal pela introdução de máquinas (uso de descascador e raladores elétricos, transporte da produção em caminhonetes, dentre outros), mas sim pelo modo como ele se efetua e quem detém o controle dos processos do que é produzido. É o que acontece na Comunidade Tatu: todo o processo de produção da goma continua sendo familiar.

Laços de vidas tradicionais

Com a modernização e a mecanização, começou-se a produzir mais em menor tempo, mas a mão de obra empregada diminuiu. Para muitos a modernização teve um excelente resultado, mas se perderam alguns laços tradicionais vindos de gerações passadas. As famílias e alguns vizinhos que ajudavam nos trabalhos formavam rodas em torno das mandiocas já colhidas para tirarem suas cascas e essa atividade era acompanhada de contação de casos e cantorias. O trabalho que seria cansativo tornava-se animado e os donos da casa sempre se preocupavam em oferecer as pessoas que vinham ajudar um café com biscoito ou bolo. Segundo Brandão (2009 p. 51), “é sempre gratificante e alegre o trabalho quando em vez de uma obrigação é uma escolha livre ajudar um amigo de quem pode esperar a contraparte quando necessário”.

Entendemos os laços de vida tradicionais como um conjunto de relações de vínculo, de compartilhamento de experiências, de valores comuns de determinadas

coletividades. Segundo Brandão (2012, p. 370), “uma das características de base na comunidade tradicional é a inevitável presença do outro na vida de todos”.

Não por ser patrimonialmente uma guardiã do passado, ou por ser expressivamente “folclórica”, típica ou um genuíno exemplo de nossas mais preciosas tradições, uma comunidade popular (mas nem todas) e também tradicional. Ela o é por representar uma forma ativa e presente de resistência à quebra de um reduto inter-humano de relações ainda centradas mais em pessoas e redes de reciprocidade de/entre sujeitos-atores através de produto do trabalho, do que em coisas e trocas de mercadorias através de pessoas, tornadas elas próprias, seres-objetos. (BRANDÃO, 2012, p. 373).

Mesmo com as mudanças ocorridas ao longo do tempo, há uma série de práticas que caracterizam a Comunidade Tatu como tradicional. Quando alguém por motivo de doença não pode trabalhar, os moradores organizam um mutirão para realizar suas tarefas tais como limpar a roça, plantar maniva, dentre outras. Além disso, ocorrem os leilões beneficentes para ajudar alguém que está passando por um momento difícil. A comunidade se une e doa frango, pudins, doces de leite, biscoitos, ovos, entre outros, que são leiloados e o dinheiro arrecadado vai para quem está em dificuldades.

A modernização e a tradição do polvilho do ponto de vista de dois moradores

Nesta subseção são discutidas as informações provenientes das entrevistas semiestruturadas realizadas com moradores da Comunidade Tatu. Perguntamos aos moradores sobre a Comunidade Tatu, a modernização na agricultura, as mudanças e as permanências nas formas de plantio da mandioca e especialmente sobre a produção do polvilho.

O primeiro entrevistado foi o Sr. Francisco⁸, que reside na Comunidade Tatu há 69 anos com sua esposa D. Marcelina. O casal possui seis filhos, que atualmente não moram com eles. Sr. Francisco sempre gostou da vida no campo e já deixou claro a todos da comunidade que a vida nem sempre foi fácil, teve que

⁸ Os nomes dos entrevistados são fictícios a fim de preservar suas identidades.

“ralar” muito para sustentar sua família, homem de muita fé, segue até os dias atuais ajudando nos trabalhos da igreja.

Para ele, a comunidade é muito importante, “é um ajudando o outro”. Foi ele um dos que trouxeram a semente de maniva⁹ para a comunidade. Em suas vivências já viu muita coisa, principalmente no desenvolvimento da comunidade. Sr. Francisco sempre cultivou em suas terras milho, feijão, arroz, bananeira, mais para o consumo da casa, para vender sempre foi o polvilho e a farinha. Os moradores da comunidade o têm como uma pessoa de grande referência.

A segunda entrevistada, a Sra. Margarete, de 35 anos de idade, reside na comunidade desde que nasceu. Casada com Diego, possuem três filhos, que atualmente moram com eles. Ela é uma mulher que sempre esteve disposta a ajudar nos trabalhos da Igreja. Começou, desde muito nova, a ajudar na limpeza do local, tornou-se ministra da eucaristia e atualmente está exercendo o trabalho de coordenadora da comunidade, uma mulher de muita fé e disposta a ajudar a quem precisar.

A seguir transcrevemos alguns trechos das entrevistas¹⁰ e expomos nossa análise dessas informações. Optamos por agrupar tematicamente as perguntas e respostas de cada entrevistado. Cabe ainda destacar que as duas entrevistas foram realizadas em momentos e locais diferentes.

Pesquisadora: Sr. Francisco, há quanto tempo o senhor mora na comunidade? Poderia falar um pouco sobre a Comunidade Tatu?

Sr. Francisco: Ô fia, eu vivo aqui há 69 anos, vivo aqui na comunidade há muito tempo, trabalhando, a comunidade eu amo, são boas, a gente aprende, ensina, muitas coisas que a gente não sabia, hoje a gente aprendeu através da comunidade. Antes a comunidade era bem diferente dos tempos de hoje, não tinha as grandes sabedorias, não tinha leitura, não tinha instrução da palavra de Deus, a bíblia hoje em dia, graças a Deus, mesmo quando a gente não sabe ler, a gente sempre tá junto com a comunidade. A vida da comunidade é essa, não pode parar, né? É um barco, se nós parar, o barco vai afundar, né? E se afundar, vai afundar uma comunidade. A comunidade melhorou muito, existem coisas que não existia naquele tempo, mas nós vamos falar dos tempos de hoje, né fia. Vamos falar dos tempos antigos não, né, tempo antigo já foi.

⁹ Semente de maniva é o nome que se atribui a muda, ou seja, parte ou estaca da planta que será reproduzida de modo assexuado.

¹⁰ Foram transcritas a partir da fala original e própria dos agricultores.

Na fala do Sr. Francisco nota-se o amor que ele tem pela comunidade, que, para ele não é apenas um lugar para morar, é um lugar de troca de conhecimentos, de amizade, de partilha... é um estar presente na vida do outro, independente se os momentos sejam alegres ou tristes, estar unidos na fé como irmãos. Quando ele diz para falarmos dos dias atuais, que o tempo antigo já foi, é por conta da vida difícil que levou e às dificuldades encontradas naquela época para sustentar sua família. Por isso, percebemos o quanto ele valoriza o tempo presente como sinônimo de uma vida melhor. O tempo de antes “não tinha as grandes sabedorias” e “não tinha a leitura”, mas hoje “mesmo quando a gente não sabe ler, a gente sempre tá junto com a comunidade”. É muito forte no Sr. Francisco o sentido/valor de comunidade, isto é, da comunidade como algo essencial para uma vida melhor.

Pesquisadora: Qual a importância que tem a comunidade na vida da senhora?

Sra. Margarete: A comunidade é muito importante, eu trabalho na comunidade, sempre trabalhei, gosto muito da comunidade, aonde a gente mora e assim eu vejo a importância da comunidade que um ajuda o outro, então nós vivemos em uma só família, um conjunto de pessoas onde se torna uma comunidade.

A comunidade Tatu é parte da vida de Sra. Margarete. A comunidade faz parte dela também porque é o lugar do seu trabalho, da sua moradia, é ali que retira o sustento de sua família. É parte da sua vida no sentido da sua identidade como moradora do campo, identidade de alguém que vive no/do campo. Nas palavras dela, o “conjunto de pessoas onde se torna uma comunidade” se constrói a partir da ajuda ao outro. Assim, entendemos que essa maneira de construir a comunidade, a ajuda ao outro, é um importante laço de vida tradicional tão presente em Tatu com em outras comunidades tradicionais e do campo.

Pesquisadora: Como se deu a chegada do plantio de maniva na Comunidade Tatu?

Sr. Francisco: A maniva mais antiga que chegou aqui foi a landim de ouro, não existia outra mandioca, depois veio a barrinha, lagoinha, C12, veio várias qualidades de mandioca, a semente é boa, produz bem, né, e vai continuar essas qualidades. A chegada da maniva C12 foi comigo mesmo, foi através de um curso que participei na Emater em Rio Pardo, então nós fomos lá fazer esse curso, não foi só eu não, foi uma turma de dez pessoas,

nós fomos no curso lá, nós aprendeu muita coisa, tinha um técnico explicando pra nós como plantava, como mexia na terra, nós ficamos nesse curso 3 dias, foi muito bacana. De lá nós fomos pra outro lugar, chamado HP, né, uma fazenda, um empresário que mora lá, continuamos o curso aí ele já tinha essa mandioca lá, C12, mandioca que produzia muito, aí depois que terminou o curso, ele falou olha gente cada pessoa que participou do curso, vou dar 1 metro de maníaba, quando chegamos na comunidade espalhou a conversa que tinha essa maníaba muito boa, aí plantei, os outros também e essa maníaba produziu tanto, né, deu 100 por 1 [risos] e no próximo ano que plantei já distribuí pros outros e assim fui distribuindo e foi rendendo. Hoje a mandioca C12, ela tem 100% acima das outras, aprovou, é ela mesmo.

Ao questionar sobre a chegada da maniva na Comunidade Tatu, o Sr. Francisco afirma que ele foi um dos que trouxeram essa semente para comunidade, com o passar do tempo, observando a boa produção, não quis que ficasse somente para ele, mas repassou para os agricultores da comunidade.

A variedade C12 não é tradicional da comunidade, ela foi desenvolvida por melhoramento genético pelo IAC (Instituto Agrônomo de Campinas) (IAC, 2019). A C12 é considerada resistente a pragas, de alta produtividade e adaptada ao solo do Cerrado e sua entrada na comunidade se deu por agricultores que participaram de um curso e, ao final, ganharam um metro dessa maniva fornecida por um empresário. A inserção da variedade C12 é um exemplo do processo de modernização que ocorreu na comunidade e região. O interessante é que mesmo a C12 possuindo todas as “melhorias” mencionadas, como aumentar a renda pela alta produção da goma, ainda se fazem presentes na comunidade outras variedades de mandiocas. Ou seja, os produtores usam/experimentam as variedades de maniva que se adaptam às necessidades de suas famílias.

Pesquisadora: Como a senhora acha que se deu a chegada da maniva aqui na comunidade?

Sra. Margarete: A maniva chegou em nossa comunidade, acho que foi uma comunidade trazendo pra outra, uns tinha uma espécie, outros tinha outra e os outros foi trazendo e a gente foi plantando e foi cultivando cada vez mais que se tornou a forma do nosso trabalho que é o plantio da mandioca.

Inicialmente, ao fazer a pergunta, tínhamos em mente a introdução da C12 na comunidade como foi apontada pelo Sr. Francisco, mas, para nossa surpresa, a

Sra. Margarete atribui a chegada das manivas às trocas entre as comunidades, ou seja, se uma comunidade tinha uma variedade de maniva, dava um pouco para a que não tinha. Nota-se que, além do aumento de variedade no plantio, essa troca entre as comunidades é um *laço de vida tradicional*, é a presença de uma determinada comunidade na vida da outra. Essa troca permite que os agricultores experimentem quais variedades se adaptam melhor às suas necessidades. Se fosse apenas uma questão de produtividade e resistência a pragas, praticamente só haveria plantio de C12, mas não, a produção familiar faz os seus próprios testes e sabe o que é melhor para seu contexto.

Pesquisadora: Quais as formas de plantio e preparo da terra? Há algo que mudou? De quanto tempo atrás? Sabe explicar o porquê da mudança?

Sr. Francisco: Hoje em dia cultiva as terras com o trator, gradeia a terra depois da terra gradeada a gente vem com o adubo e planta a maníba aí vem a chuva, sem ela nada produz, mas aí cê plantou a roça, capinou direitinho, né. E Deus mandou o bom tempo, cê pode esperar a fartura certa, a forma de plantio, fia, continua quase do mesmo jeito, só diferenciou com essas modernidades que facilita, hoje em dia cada um quer plantar mais, né.

As formas de plantio são vistas como sendo bem parecidas com antigamente, mas a novidade de hoje são alguns maquinários, como o trator, que facilitaram o trabalho. Percebemos também que se, de um lado, não podemos negar que os maquinários ajudam (“essas modernidades que facilita”), de outro lado, confirmado pela fala do Sr. Francisco, os atores mais importantes para o plantio são outros: o trabalho do agricultor, a chuva, assim como a influência de Deus.

Pesquisadora: Quais as formas de plantio, como vocês preparam a terra?

Sra. Margarete: A gente prepara a terra, antes a gente preparava a terra, era tudo manual, a gente trabalhava com o arado, com os bois a gente preparava a terra para o plantio, hoje não, as coisas mudaram bastante porque já tem os maquinários, os tratores onde a gente tomba a terra e nós fazemos o plantio assim agora.

Pesquisadora: Há quanto tempo aconteceram essas mudanças?

Sra. Margarete: As mudanças foi acontecendo? Ah... já faz um tempinho que aconteceu essas mudanças, há uns 20 anos atrás

que começou as mudanças, a melhorar assim na forma de cultivar a terra para o plantio.

Pesquisadora: A senhora saberia falar um pouco do porquê vem acontecendo essas mudanças na forma de plantio?

Sra. Margarete: A mudança na forma do plantio mudou muita coisa mesmo, muitas para melhor porque é tudo mais evoluído, a gente trabalha menos, planta mais rápido, essa foi a vantagem no plantio da maniva.

Como foi dito também pelo Sr. Francisco, os maquinários (os tratores) foram uma grande melhoria para o trabalho no cultivo de mandioca. Apesar de Sra. Margarete afirmar que essas mudanças ocorreram há muito tempo, cerca de 20 anos, consideramos que esse período é muito recente, tratando-se da introdução de tratores no cultivo. Ou seja, percebemos que mesmo o lado positivo dos maquinários para o trabalho na comunidade é consequência da desigualdade no campo: a chegada do trator foi bem tardia. Ela não tem dúvida quanto às vantagens dos maquinários no cultivo das manivas: “tudo mais evoluído, a gente trabalha menos, planta mais rápido, essa foi a vantagem no plantio da maniva”.

Pesquisadora: Em relação aos utensílios de trabalhos na produção do polvilho/farinha, o que mudou e o que ainda permanece?

Sr. Francisco: Ah, mudou muito, naquele tempo que falei, primeiro aquilo já era, acabou, hoje tem uma tecnologia muito boa, veio o motor pra ralar mandioca, a energia, veio os equipamentos, os tanques, antigamente, né, era coxo de madeira, hoje em dia, usa caixa, tem os motores, agora para tirar goma veio o gibizão, aquele para ajudar tirar a goma, aquilo minha fia é uma utilidade tão grande, cê não põe a mão, ralou a mandioca, a massa já tá caindo na água, vai misturando a goma, cai num lugar a massa no outro, né e acabou. Não tem quase nada manual, as tecnologias avançaram, o povo aprendeu trabalhar cada dia melhor.

É nítido perceber na fala do Sr. Francisco que a mecanização ofereceu melhorias para o trabalho realizado pelos moradores da comunidade. Foram aderindo aos maquinários como motor e descascador elétricos, novos utensílios como os tanques de armazenamento da goma, gibizão (maquinário de coar goma). Segundo ele, hoje em dia, não há quase trabalho manual e esse avanço das “tecnologias” com o aprendizado do povo contribuiu por melhorar o trabalho de

produção da goma. Indubitavelmente, o aumento da produção e a diminuição do trabalho manual – em função dos maquinários e novos utensílios – contribuíram positivamente para as etapas da produção do polvilho e para o aumento da renda das famílias. No entanto, é importante destacar que essa produção continua sendo familiar e artesanal e o aumento da produtividade por si só não garante renda melhor. Levando em conta também o aumento a exploração do solo, das áreas de produção. Como já foi mencionado, o saco do polvilho que era vendido a 250 reais, hoje não passa de 130 reais.

Pesquisadora: Assim falando da forma de plantio e os utensílios de trabalho utilizados na produção do polvilho, o que mudou e o que também ainda permanece?

Sra. Margarete: Ah... mudou algumas coisas, mudaram, antigamente a gente fazia tudo manual, né? Hoje não, hoje já tem os maquinários que nos ajuda no trabalho pra fazer o polvilho.

Pesquisadora: A senhora poderia me explicar um pouco dessas mudanças, quais maquinários ainda permanecem, quais se perderam?

Sra. Margarete: Assim, algumas pessoas ainda têm o manual, todo manual, mas muitos têm os novos maquinários que produz a goma, descasca mandioca, então foi essa a forma que mudou, né? Mudou umas coisas para melhor, mais rápido no fazer o polvilho, então assim na ralada da mandioca, muitas coisas mudaram sim, pra mais rápido, ficou bem mais diferente.

Na fala da Sra. Margarete, nota-se que nem todos os moradores conseguiram se equipar com novos maquinários. As mudanças foram ocorrendo aos poucos, como, por exemplo, a forma de descascar as mandiocas, antes era ao entorno com facas, agora tem descascador elétrico, tem caixas no lugar de cochos de madeira. Não significa que os que ainda têm toda produção manual não consigam produzir uma quantidade considerada, mas os maquinários diminuíram bastante o trabalho braçal.

Pesquisadora: Do seu ponto de vista, com a chegada da mecanização da produção do polvilho/farinha na comunidade, quais foram as principais vantagens e desvantagens?

Sr. Francisco: Foi positivo que melhorou demais, as desvantagens foram naquele tempo que falei, hoje só agradecer.

Pesquisadora: Embora a produção do polvilho seja fonte de renda da comunidade, o que faz com que pessoas se desloquem da mesma para trabalhar em outras regiões?

Sr. Francisco: Eu acho assim, fia, que essa juventude, né, eles quer arrumar um recurso na vida e se eles ficar na comunidade pra mexer com o que nós mexe aqui, com a lavoura de mandioca, ela é boa, não vou falar que é ruim, mas só que pra você chegar num ponto de melhorar logo sua vida tem que sair fora, porque tem muita gente também que não gosta de mexer, dá trabalho, é 2 anos pra chegar num ponto de colheita.

Sr. Francisco não vê desvantagens na mecanização na produção do polvilho/farinha, por isso insistimos em outra pergunta para tentar obter algum aspecto negativo dos tempos de hoje. Em toda entrevista ele apenas diz que as mudanças foram positivas quando comparadas aos tempos de antigamente. Compreendemos esse fato porque os tempos de antes trazem lembranças de muito sofrimento, vida dura e sem maiores perspectivas de melhorias para o Sr. Francisco. Assim, introduzimos a questão da migração. E foi só aí que ele fez um comentário mais crítico em relação a quem quer melhorar rapidamente de vida, ou seja, para viver da goma e da farinha, “dá trabalho, é dois anos para chegar em um ponto de colheita”.

Pesquisadora: E a questão do preço? Houve mudanças ou continua do mesmo jeito?

Sra. Margarete: Houve mudanças sim, na questão do preço mudou muito, [...] antigamente era bem melhor o preço. [...] tá bem mais difícil da gente comercializar nosso produto aqui.

Pesquisadora: Pensando nisso, a senhora teria alguma sugestão para melhorar esta situação?

Sra. Margarete: Assim, eu acho que uma cooperativa que pudesse nos ajudar, né? Pra nós tá comercializando nosso produto, levando pra mais longe, exportando para outros lugares, acho que seria bem melhor.

A Sra. Margarete, ao contrário do Sr. Francisco, diz que antigamente o preço era bem melhor. Isso se deve a questão de vender em outras regiões, podendo atribuir ao preço, mas como agora os compradores vão até as tendas de roda, oferecem um preço pouco em conta para os agricultores que acabam aceitando para assegurar renda à sua família. Ela propõe a criação de uma cooperativa para que seus produtos possam ser vendidos diretamente ao mercado, sendo mais

valorizados. Sem dúvida, a criação de uma cooperativa para melhoria da comercialização do polvilho, além de melhorar a renda do produtor de goma, contribuir para que os moradores não migrem para outras regiões, proporcionaria relações mais coletivas, fortalecendo a comunidade. Ou seja, a cooperativa poderia funcionar como mais um *laço na vida tradicional da comunidade*.

Pesquisadora: Assim, do ponto de vista da senhora... a senhora acha que com a chegada da mecanização... a senhora citou a produção do polvilho aqui na comunidade ... quais as principais vantagens que a senhora consegue enxergar?

Sra. Margarete: As vantagens, sim, têm muitas vantagens, é mais rápido, é menos pessoas para trabalhar, trabalha mais pouco tempo, é mais rápido, então eu acho que a mecanização, a melhoria foi essa.

Pesquisadora: A senhora poderia falar se também há desvantagens neste processo?

Sra. Margarete: Eu acho que sim, em algumas coisas não muito grande, mas sim eu acho que existe como o gasto de água que é mais, assim, não tem como estar economizando porque é daquilo que a gente faz, nós precisa mesmo, então não tem como, depois que veio os maquinários, teve o gasto a mais da água.

Sra. Margarete comenta um ponto importante. Ela faz a crítica da mecanização “por dentro”, ou seja, por experiência própria ela já observou que a nova forma mecanizada exige menos trabalho, mas produz muito desperdício de água. Antes para lavar as mandiocas usava o cocho de madeira com água de acordo com a quantidade de mandioca. Já com o uso do descascador elétrico usa-se uma mangueira com fluxo constante de água, por isso esse aumento no consumo. Esse fato gera grande preocupação se pensarmos no contexto do norte mineiro de dificuldades de acesso à água, a irregularidade de chuvas, as monoculturas de eucalipto etc.

Pesquisadora: No contexto da mecanização, o senhor acha que se perderam alguns laços de vida tradicionais ou continua do mesmo jeito?

Sr. Francisco: Ô fia, sim! Com essa coisa de mecanização perdeu demais, não pode falar que perdeu tudo, né? Mais hoje em dia não é igual antigamente que era todo mundo ajudando o outro, as casas de roda enxiam, agora que tem os maquinários pouca gente já faz o serviço, então nem precisa de tanta gente,

né? Mas era bom demais, viu? Contava caso, ria, falar assim, fia, era coisa boa, sabe?

Dessa vez, em função da nova questão, Sr. Francisco destaca que a mecanização diminuiu o número de pessoas nas tendas de goma, especialmente no momento de descascar a mandioca, e com isso acabou com um espaço coletivo de conversas e interações entre diferentes gerações e famílias, levando, algumas vezes, à solidão e ao individualismo.

Pesquisadora: No contexto da mecanização, a senhora acha que se perderam alguns laços de vida tradicionais ou ainda contínua do mesmo jeito?

Sra. Margarete: Sim, perderam alguns. Não todos, mas alguns perderam como a troca de serviço, a gente trocava um com o outro na forma de trabalho, um estava ajudando o outro e hoje não, né? É cada um mesmo trabalhando para si mesmo.

A Sra. Margarete comenta sobre a perda de alguns laços de vida tradicionais, cita a troca de serviços. Hoje, o trabalho na produção da goma e o trabalho em geral na comunidade é mais individualizado, apesar de familiar: “é cada um mesmo trabalhando para si mesmo”. Assim, as trocas de serviços podem ser entendidas como um laço tradicional que se perdeu devido ao processo de modernização no campo.

Por fim, nas entrevistas realizadas é possível perceber que para os agricultores modernização e mecanização são vistas como processos que significam a mesma coisa. Esse significado é muito forte na comunidade: modernizar é introduzir maquinários, diminuir o trabalho braçal, aumentar a produtividade e acelerar os processos. Mas como tentamos mostrar no texto, a modernização é um processo mais amplo que introduziu/impôs mudanças na vida no campo com a chamada Revolução Verde. Em consequência disso, alguns laços tradicionais na comunidade foram enfraquecidos ou mesmo perdidos como a prática de trocas de serviços. No entanto, o trabalho dos moradores da comunidade, especialmente na produção do polvilho, continua sendo de base familiar e artesanal (ALBORNOZ, 2012), o que fortalece os laços tradicionais da comunidade.

Considerações finais

O processo de modernização, acompanhado da mecanização, ocorridos na agricultura e na produção do polvilho interferiu nos laços de vida tradicionais da comunidade Tatu ao longo dos últimos 20 anos. Houve a introdução de alguns maquinários, como os tratores na preparação do solo para o plantio da mandioca, o motor elétrico para descascar e ralar a mandioca, a substituição de alguns utensílios, como as caixas de descanso e armazenamento da goma. Isso ajudou a diminuir o esforço no trabalho, aumentou a produtividade e reduziu o tempo de fabricação da goma e da farinha, mas sem garantia de um preço de comercialização pelo menos razoável para o produtor.

Hoje, há maior dependência do comprador/atravessador de polvilho. Além disso, contribuiu para um trabalho mais individualizado e o aumento do consumo da água, como também o fim da prática de troca de serviços. Mas isso não significou o fim dos laços tradicionais na comunidade, pelo contrário, os moradores de Tatu, apesar de todas as dificuldades, conseguiram “adaptar-se” como resistência à modernização. Ainda há a troca de manivas, em que cada um seleciona suas variedades conforme sua necessidade e o trabalho na produção de polvilho continua familiar e artesanal, sobretudo, os moradores de Tatu enxergam que a comunidade não é apenas um lugar para morar, mas um lugar de troca de conhecimentos, de amizade, de partilha, é um estar presente na vida do outro independente de os momentos serem alegres ou tristes, enfim, é um conjunto de pessoas que se constrói a partir da ajuda ao outro (BRANDÃO, 2012).

Uma questão que pode surgir é como pensar a mecanização que não envolve apenas a modernização? Não é possível considerar uma independente da outra, mas é possível pensar uma mecanização que não esteja a serviço da modernização, ou seja, uma mecanização que ajude o produtor de polvilho a diminuir o seu tempo de trabalho e aumentar a produtividade sem perder sua principal característica que é o trabalho artesanal e familiar. E isso é o que acontece na Comunidade Tatu, apesar de muitos moradores não terem essa compreensão, pois, para muitos, introduzir um motor elétrico para ralar mandioca significa perder a marca artesanal de sua produção.

Compreender os processos de mudança e permanência na vida e no trabalho no campo, as contradições deles decorrentes e, especialmente, a resistência construída e vivida a partir da afirmação e da reafirmação de práticas sociais, como a produção artesanal de polvilho e dos laços tradicionais de uma comunidade, como em Tatu, fortalece a construção de uma educação coerente e comprometida com a vida no/do campo.

Referências

ALBORNOZ, S. **O que é trabalho?** São Paulo: Brasiliense, 2002.

ALENTEJANO, P. Modernização da agricultura. *In: CALDART, R. et al. **Dicionário da Educação do Campo***. Rio de Janeiro. São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 479-483.

BRANDÃO, C. R. O trabalho como festa: algumas imagens e palavras sobre o trabalho camponês acompanhado de canto e festa. *In: GODOI, E. P.; MENEZES, M. A.; MARIN, R. A. (org.). **Diversidade do campesinato**: expressões e categorias: construções identitárias e sociabilidades*. São Paulo: Editora da UNESP, 2009. p. 39-53.

BRANDÃO, C. R. A comunidade tradicional. *In: COSTA, J. B. A; OLIVEIRA, C. L. (org.). **Cerrados, gerais, sertão**: comunidades tradicionais nos sertões roseanos*. São Paulo: Intermeios, 2012. p. 367-380.

DIAS, D. A. **Cultivo da mandioca e produção de goma na agricultura familiar de Monte Alegre - Rio Pardo de Minas - Minas Gerais**: técnica e tecnologia em foco. 2016. 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

ESMERALDO, G. G. S. L. Ação da teoria e prática no Programa Residência Agrária/UFC: produzindo saber e poder de caráter emancipatório. *In: ROCHA, M. I. A; MARTINS, M. F. A; MARTINS, A. A. (org.). **Territórios educativos na educação do campo**: escola, comunidade e movimentos sociais*. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2012. p. 211-224.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**: Rio Pardo de Minas (MG). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/rio-pardo-de-minas/panorama>. Acesso em: 20 abr. 2020.

MATTOS, P. L. P.; FARIAS, A. R. N.; FERREIRA FILHO, J. R. (ed.). **Mandioca**: o produtor pergunta, a Embrapa responde. Brasília-DF: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, 2006. (Coleção 500 perguntas, 500 respostas).

PORTO-GONÇALVES, C. W. Descolonizar o pensamento, condição para sustentabilidade: diálogo com Carlos Walter Porto-Gonçalves (entrevista). **Sustentabilidade em Debate**, Brasília, v. 5, n. 3, p. 159-168, set./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sust/article/view/15658>. Acesso em: 16 fev. 2020. Doi: 10.18472/SustDeb.v5n3.2014.12713.

TEIXEIRA, J. C. Modernização da agricultura no Brasil: impactos econômicos, sociais e ambientais. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, Três Lagoas (MS), v. 2, n. 2, set. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/RevAGB/article/view/1339>. Acesso em 19 jan. 2020.

VENDRAMINI, R. C. Educação e trabalho: reflexões em torno dos movimentos sociais do campo. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 27, n. 72, p. 121-135, maio/ago. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v27n72/a02v2772>. Acesso em: 10 fev. 2020.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa: do início ao fim**. Porto Alegre: Bookman, 2016.

Submetido em 23 de abril de 2020.

Aprovado em 24 de junho de 2020.